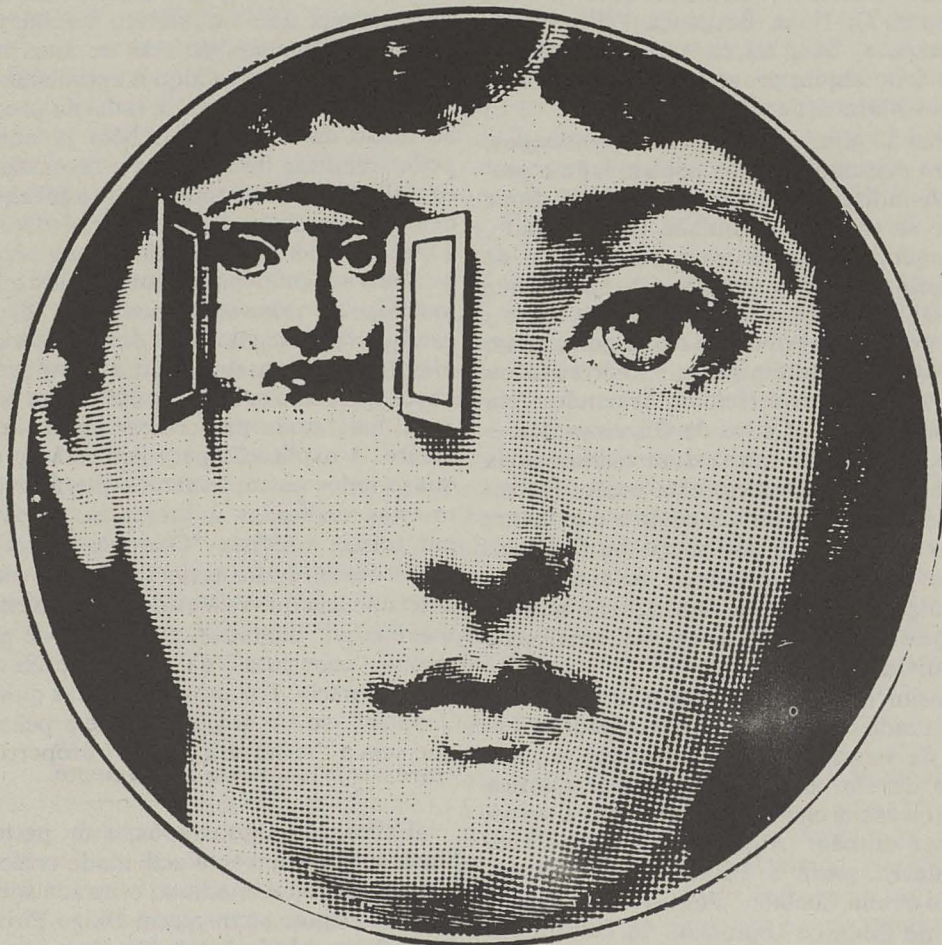


fenda



Perseguir a palavra até ao fim do seu sexo - duplo, ausente mais e mais.
Voragens - demónios computadorizados - retiram do gesto o sentimento das altitudes, leveza de asa calma, fazem-no cair no reino da utilidade.

Os céus, longes outrora, desabaram em estrondo de reactor, o desconhecido morre - é tudo uma questão de tempo, é tudo uma questão de preço.

Antigas artes mágicas moldadas na cal das construções, nos lemas do trabalho concreto, visíveis rituais ligados à sobrançeria dos elementos - cadinhos de memória nos ficaram -, restam hoje cumuladas de sono entre um movimento imperceptível de pálpebras - hesitação entre os milagres, o inconsciente acorda, o medo ainda existe.

Que reflexão em 80 nos torna possíveis, emerge necessária, o jogo como suporte, o corpo revoltado, a ideia essa métrica que urge sensível, a morte como pano de fundo, paradigma do drama que longe (perto) nos perturba?

Que tema, que dizeres nos afligem, aqui colo além, montanhas ou planícies de incerteza, espaços por preencher, os sonhos que regorgitam como impaciência milenar, provinciana e / ou universitariamente (contradição no objecto e no lugar)?

Tempo obnubilado na sua rotação, ingente espera de um sol a cores diferente, a idade assume-se em poder, tempo da ditadura dos gerontes, e o tempo do corpo, da obliquidade rósea das cerejas, do toque, afloração, não tem lugar, não tem senão o escuro, resta-lhe o campo aceso em grade, repressão latente, repressão presente, quando se instaura em colectivo a prova fresca das tâmaras e dos favos.

Movemo-nos na maré da contradição entre fogos adversos, era de patamar, o cenário prefigurado em temores indizíveis:

entre o trabalho e o lazer medeia o confronto do económico sentido.
entre o individual e o colectivo situa-se o desafio da criação, do amorfismo da massa à espontaneidade emergente de gritos muitos, mil.

entre o presente e o futuro impõe-se a necessidade da redução do tempo ao grau zero do momento, síntese visceral da qualidade, ou-sadia mental de reduzir a mercadoria ao gozo do seu uso, troca abolida pela reciprocidade de sentir, medir o tempo pela sua negação.
entre o silêncio e a palavra afaste-se o limite infinitesimal da aproximação, discurso mutilado da mágica conotação do verbo, da iniciática força da visão, do dizer/fazer, sensação/acção.

entre a transformação e o status medeia a alternativa de valores em contraponto, geometria da afirmação e da recusa, da impossível possibilidade, da percepção e do inaudível, e sobretudo da necessidade em sua existência e da sua superação em seu fruir.

entre os que tudo têm e os que nada têm resiste a penosidade do trabalho, a lágrima do esforço, a violência do dia sistemático, oceano feroso mas contido, rodeando ilhas de cetim e espelho.

E todos os limites se perpassam convulsos aí.

Fenda situa-se neste espaço amplo de reflexão dos confronto, aí onde o humano revolteia no que lhe resta ainda de inquietude, permanente permanência de um desejo antigo.

Fenda manifesta-se em reflexão no enquadramento mínimo duma sensibilidade, qualidade perdida dos corpos teóricos, prelúdios pétreos, teoria sem corpo.

Anos 80, era de patamar, dizer o indizível, reunir os liames dispersos dos saberes. dos sentires, antever em silhueta a mudança, exige-la falando-a, antevê-la em sua margem ingrata, dos limbos onde o homem se aflora, realmente, breve - mas total.

E que a escrita se reinvente como serpente que se remove em círculo, na procura de outro corpo que se oculta, epiderme que tomba turva, nova imagem de si e para si.

Entre a ideologia e o seu desnudar não nos resta senão outra ideologia por travessia, prefácio necessário, génises quimérico da recusa.

Ludicamente

Porque os deuses ainda não morreram.

Quando for possível mudar o sol, então sim, terão morrido os deuses.

Os deuses, que sairão na roleta aos jogadores.

Porque ainda haverá jogadores.



FENDA / MAGAZINE FRENÉTICA / APARTADO

449 - 3008 COIMBRA CODEX